

"ENSINANDO A MOÇADA A SE CUIDAR": A PRODUTIVIDADE DISCURSIVA DA MÍDIA EM RELAÇÃO À SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA

"TEACHING TO THE YOUNG GUYS HOW TO TAKE CARE OF THEMSELVES": THE MEDIA DISCURSIVE PRODUCTIVITY IN RELATION TO SEXUAL AND REPRODUCTIVE HEALTH

Cristianne Maria Famer Rocha*

*Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS), Brazil

Resumo

Considerando-se a potência da mídia para informar e educar sobre diferentes temáticas, assim como a força que tem na constituição e formação dos sujeitos, este texto tem como objetivo descrever e analisar a produtividade discursiva de algumas reportagens sobre saúde (particularmente aquelas relacionadas à temática do HIV e da AIDS), publicadas nas revistas, destinadas a um público juvenil brasileiro, *Atrevida*, *Capricho*, *Mundo Estranho* e *Superinteressante*. De cunho qualitativo, foi utilizada a pesquisa documental para coleta de dados. A análise foi realizada a partir de uma perspectiva pós-estruturalista, que considera que os regimes de verdade são instituídos discursivamente. Observou-se que nas revistas *Atrevida* e *Capricho* questões relativas à sexualidade estão presentes, mas pouco se fala sobre doenças que possam ser decorrentes das práticas sexuais. Já nas revistas *Mundo Estranho* e *Superinteressante* existe um silenciamento quase absoluto acerca da sexualidade. Como principal conclusão, destacamos que os cuidados necessários para a saúde sexual e reprodutiva constituem um tema interdito na ordem discursiva vigente nas páginas de revistas destinadas aos/as adolescentes brasileiros/as, sinalizando uma despreocupação desses artefatos culturais no sentido de prevenir os possíveis riscos a que estão expostos os seus leitores.

Palavras-chave: Juventude, Educação em Saúde, Comunicação em Saúde, Saúde Sexual e Reprodutiva, HIV/AIDS.

Abstract

Considering the potency of the media to inform and to educate about several themes, as well as its power for the constitution and formation of subjects, this text aims to describe and analyze the discursive productivity of some articles about health (particularly those related to the themes of HIV and AIDS) that have been published in magazines aimed towards a Brazilian young public - *Atrevida*, *Capricho*, *Mundo Estranho*, and *Superinteressante*. A qualitative documental research was used for the data collection. The analysis was done according to a poststructuralist perspective, which considers that the truth regimens are discursively instituted. It was observed that the magazines *Atrevida* and *Capricho* present issues related to sexuality, but very little is said about diseases that may result from sexual practices. In the magazines *Mundo Estranho* and *Superinteressante* there is an almost absolute silencing about sexuality. As the main conclusion, we highlight that the necessary care for sexual and reproductive health constitutes an interdictory theme in the discursive order present in the pages of magazines aimed towards the Brazilian youth, signaling a lack of concern of these cultural artifacts in the sense of preventing the possible risks to which their readers are exposed.

Keywords: Youth, Health Education, Communication in Health, Sexual and Reproductive Health, HIV/AIDS.

Ponto de partida

Um dos maiores desafios da área da educação em saúde hoje, no Brasil, é a prevenção à *Síndrome da Imunodeficiência Adquirida* (SIDA) na população jovem. Mais comumente chamada pela sigla em inglês AIDS (*Acquired Immune Deficiency Syndrome*), ela está no topo da pauta de prioridades do debate público nacional e vem sendo, sempre mais e por diferentes motivos, preocupação de diversas instituições (particularmente, da escola e dos meios de comunicação) que, incitadas pelas autoridades governamentais (particularmente pelo Ministério da Saúde), buscam divulgar e informar sobre as formas de prevenção e de transmissão desta infecção.

Recente pesquisa encomendada pelo Ministério da Saúde, com o objetivo de conhecer a sexualidade dos brasileiros para definir ações de prevenção às Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), foi realizada com oito mil entrevistados, entre setembro e outubro de 2008 (BRASIL, 2009a), e expõe mudanças consideráveis no comportamento sexual da população. Uma delas é a precocidade com que as relações sexuais estão acontecendo. Em comparação com os dados coletados por pesquisa semelhante feita em 2004, um número maior de pessoas, na faixa de 15 a 54 anos, relatou, em 2008, ter tido relações sexuais antes dos 15 anos. A pesquisa demonstrou também que o sexo casual se multiplicou nos últimos quatro anos e o uso de preservativos caiu.

Dados desta pesquisa apontam também que os jovens de 15 a 24 anos afirmam saber mais sobre as ISTs e usam mais preservativos em comparação às outras faixas etárias (32,6% dos adolescentes desta idade relataram o uso do preservativo em todas as relações sexuais, enquanto o índice fica em 17,2% entre os entrevistados de 24 a 49 anos e em 10,5% entre os de 50 a 64 anos). Apesar disto, embora o número de infecções causadas pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (VIH ou HIV - *Human Immunodeficiency Virus*, em inglês) tenha diminuído, de 2001 a 2007, em todo o mundo, segundo o *Relatório do Programa das Nações Unidas para a AIDS* de 2008 (BRASIL, 2009b), quase a metade dos novos casos registrados é de jovens (inclusive no Brasil).

Com o objetivo de descrever e analisar a produtividade dos discursos presentes em matérias jornalísticas sobre AIDS/HIV publicadas, em 2009, na mídia impressa, apresento neste texto algumas conclusões referentes à pesquisa realizada. Foram analisadas matérias selecionadas de quatro revistas de circulação nacional destinadas aos jovens (*Atrevida*, *Capricho*, *Mundo Estranho* e *Superinteressante*), a partir do entrelaçamento de textos que discutem a potência dos discursos midiáticos na produção dos sujeitos contemporâneos e de estudos foucaultianos sobre governo (FOUCAULT, 1989; 1995; 1999; 2000).

A governamentalidade midiática

Diferentemente da concepção de poder exercido por alguém ou algo contra outro(s), numa relação de força (em que o mais forte vence o mais fraco), Foucault (1989; 1999) nos instiga a pensar no poder como um jogo de relações que, baseado no saber (conhecimento sistematizado, difuso, adquirido), funciona como uma maquinaria, que não está situada em um lugar privilegiado ou exclusivo, mas que se dissemina por toda a estrutura social (MACHADO, 1989).

Para Foucault (2000), o poder é exercido mediante a produção de verdade, pois "(...) [ele] não se dá, nem se troca, nem se retoma (...) ele se exerce e só existe em ato" (p.21). E as relações de poder são, ao mesmo tempo, intencionais e não subjetivas, pois não há exercício de poder que não pressuponha um conjunto de miras e objetivos, jamais resultando da escolha ou da decisão de um sujeito, individualmente, mas somente como resultante de táticas que se desenvolvem no corpo social, trazendo, implícitas, as estratégias anônimas "quase mudas, que coordenam táticas loquazes, cujos *inventores* ou responsáveis quase nunca são hipócritas" (FOUCAULT, 1999, p.91, grifo do autor).

Segundo Foucault (1989), em uma sociedade como a nossa, o exercício do poder é capaz de produzir discursos de verdade com efeitos muito produtivos:

(...) existem relações de poder múltiplas que atravessam, caracterizam e constituem o corpo social e que estas relações de poder não podem se dissociar, se estabelecer nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurso. Não há possibilidade de exercício do poder sem uma certa economia dos discursos de verdade que funcione dentro e a partir desta dupla exigência. Somos submetidos pelo poder à produção da verdade e só podemos exercê-lo através da produção da verdade. (p.179-180)

Ao produzirmos saberes (e publicarmos os mesmos, como no caso das matérias analisadas no corpo deste texto), organizamos um sem número de práticas que nos condicionam (disciplinam) a nos relacionarmos conosco e com os outros a partir destes conhecimentos produzidos e reconhecidos como verdadeiros. Através da publicização dos saberes, exercemos poder, (as)sujeitamos o outro, impomos as nossas vontades/verdades.

A produtividade deste poder, por sua vez, está relacionada à sua capacidade em ocupar diferentes posições e, como consequência, produzir diferentes arranjos (subjetivações), na medida em que é exercido, em que se reage e se resiste a ele. Pois, ao se utilizar um outro saber, uma outra verdade, são criadas novas forças, que (as)sujeitam os indivíduos em função de outras argumentações. A produção destas "reações" – ações sobre ações – é o que qualifica o poder como produtivo, uma produtividade econômica que faz inventar outras estratégias, tornando-o potente e engendrando saberes que o justificam e encobrem.

Foucault (1989) denomina este outro jeito de se exercer o poder (circular, relacional, menos custoso, não violento) de "governamentalidade":

[ou seja,] o conjunto formado pelas instituições, procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas, que permitem o exercício dessa forma muito específica, embora complexa, de poder e que tem como seu alvo a população. (ROSE, 1998, p.35-36)

Ao descrevermos, analisarmos, calcularmos, relatarmos ou organizarmos dados e fatos relativos a nós mesmos, estamos nos governando, impondo limites e possibilidades dentro desta circunscrita teia discursiva, nos localizando nos seus emaranhados, nos disciplinando, determinando a nós mesmos nossas posições e aquilo que consideramos ser nossas "liberdades".

Neste sentido, a mídia e seus produtos (textos, imagens, sons, anúncios, notícias) possuem uma particular capacidade de fazer circular entre nós, sujeitos deste tempo, saberes que expõem e impõem determinadas visões de mundo e modos de ser e estar, que regulam, regulamentam e disciplinam o corpo e as idéias.

Segundo Fischer (2005), a mídia "delineia, situa, sugere e estimula determinadas formas de existência coletiva ou de relação consigo mesmo e com o outro, em suas criações para jovens" (p. 44). E assinala que, dentre os meios de comunicação, as revistas oferecem "um lugar de aprendizado a respeito de nós mesmos, da vida que levamos, um aprendizado de como vamos receber e ler, pessoas classificadas para nós como heróis ou vilões, cidadãos corretos ou como transgressores da ordem" (p. 49).

Costa, Silveira e Sommer (2003) identificam que os ensinamentos produzidos pelos artefatos midiáticos estabelecem, em suas "lições", os padrões de normal e desviante, de progressista e antiquado, de certo e errado, "em um panorama que, marcado pelas questões culturais, é naturalizado e mostrado como *moderno, atual, biologicamente condicionado, estando na ordem das coisas*" (p. 56, grifos dos autores).

Ao analisarmos, portanto, as "representações de mundo, de sociedade, do eu, que a mídia e outras maquinarias produzem e colocam em circulação, o conjunto de saberes, valores, formas de ver e de conhecer que está sendo ensinado por elas" (COSTA, SILVEIRA E SOMMER, 2003, p. 57), poderemos compreender algumas das condições de possibilidade que permitem e estimulam a produção de determinados discursos (e verdades) em detrimentos de outros(as).

Estratégias que governam

Com o objetivo de descrever e analisar a discursividade da mídia impressa em relação à temática da AIDS/HIV, foram selecionadas para esta pesquisa quatro revistas brasileiras, de circulação nacional. A revista *Atrevida*, publicada pela Editora Escala, tem periodicidade mensal, uma tiragem de cerca de 163.000 exemplares (MIDIKIT, 2009) e 95% de suas leitoras são mulheres jovens (de 15 a 19 anos). A

revista *Capricho*, publicada pela Editora Abril, desde 1952, pode ser considerada como a responsável pelo início da imprensa feminina no Brasil (BUITONI, 1981). Possui periodicidade quinzenal, com uma tiragem de aproximadamente 195.000 exemplares (PUBLIABRIL, 2009). Suas leitoras são, na maioria, mulheres (90%), que têm entre 10 e 19 anos (61%). Já as revistas *Mundo Estranho* e *Superinteressante*, publicadas mensalmente pela Editora Abril, são consideradas como destinadas ao público masculino, já que os leitores homens (e jovens) são a maioria em ambas: 59% e 53%, respectivamente (PubliAbril, 2009). A idade dos leitores da revista *Mundo Estranho* varia entre 10 e 19 anos (44%) e, segundo o site da PubliAbril (2009):

A *Mundo Estranho* é a única revista para garotos do País. Irreverente, divertida e com uma linguagem visual forte, nasceu como um filhote da *Superinteressante*, especialmente voltada para aqueles leitores que queriam mais curiosidades. Com uma leitura rápida, clara e objetiva, tratando assuntos complexos de maneira simples e divertida, atraiu uma faixa de leitores mais jovens. *Mundo Estranho* instiga o adolescente que busca conhecimento geral, tornando-se uma ponte entre as revistas infantis e as adultas.

Os leitores da *Superinteressante* pertencem a uma faixa etária maior (50% tem entre 20 e 39 anos). Além disso, sua tiragem mensal também é a maior de todas as revistas selecionadas: cerca de 355.000 exemplares (PUBLIABRIL, 2009). Tanto a *Superinteressante* quanto a *Mundo Estranho* (talvez até mesmo pelo fato de a segunda ser um "filhote" da primeira) se dedicam quase que exclusivamente a temáticas relacionadas às inovações (jogos, tecnologias, saúde, dentre outras). Chama a atenção também o fato de a maior parte das reportagens publicadas na *Mundo Estranho* iniciar por uma pergunta: por que, como, quanto, quais, o que é, e assim por diante.

As revistas femininas, por sua vez, recheiam suas páginas com dicas (de moda, de beleza, de viagens, de como manter o relacionamento com os amigos/as e namorados), histórias de gente famosa, orientações sobre saúde, cuidados com o corpo, dentre outros temas. A revista *Atrevida*, além de trazer reportagens sobre os temas citados acima, possui, em suas edições mensais, inúmeros testes que buscam, tal como sugere Xavier Filha (2007), "conduzir as condutas femininas" (p.337).

As edições das revistas acima citadas, publicadas de julho a novembro de 2009 (totalizando 25 exemplares), foram consultadas página por página para a seleção das matérias que indicassem, em seus títulos ou subtítulos, a temática da AIDS/HIV. A partir da seleção, as matérias encontradas foram submetidas à análise e discussão para a produção de duas categorias de análise que serão a seguir explicitadas: a) Silenciamentos masculinos; b) Sexo sim, AIDS não!.

Silenciamentos masculinos

Dentre as dez edições das revistas selecionadas dedicadas ao público masculino, apenas quatro trazem reportagens sobre temáticas relacionadas ao objeto de pesquisa, sendo que em apenas uma dessas reportagens aparece a sigla HIV em um dos subtítulos da reportagem: "Um vírus como o HIV pode sair de controle. Basta uma mutação para que ele seja transmissível por mosquitos" (VERSIGNASSI e AXT, 2009, p.58). No entanto, apesar de fazer referência ao HIV, a reportagem intitulada "Donos do mundo" busca somente informar (e amedrontar) os leitores sobre o perigo de vivermos em um planeta controlado por bactérias e vírus, que estão cada vez mais fortes. Afinal, como diz o texto: "seu corpo contém 10 vezes mais bactérias do que células humanas. Elas não são apenas uma grande parte da gente. Nós é que somos uma parte delas" (p.55). Ao se referir ao HIV, os autores informam que ele "só tem a chave para entrar em um certo tipo de célula, chamada CD4, que é fundamental para o funcionamento do sistema imunológico" (p.56). Sem fazer referências ao que o HIV provoca (a AIDS) ou às suas formas de prevenção, o texto se refere a ele como mais um dos milhões de vírus que habitam nosso corpo, com os quais temos que (obrigatoriamente) conviver. E, para finalizar, o texto sugere: "se não pode vencê-los, junte-se a eles" (p.59).

Nas outras três reportagens selecionadas, as temáticas estão relacionadas à sexualidade: como será o sexo no futuro (MOTOMURA, 2009), como funciona a pílula masculina (LOIOLA, 2009) e como comprar camisinhas sob medida nos Estados Unidos (TOSCANI, 2009).

Sabe-se que os meios de comunicação exercem um importante papel na promoção da saúde (RANGEL, 2003). No entanto, tal como nos ensina Foucault (1996), a produção discursiva sobre determinadas temáticas é sempre controlada, selecionada, organizada, de acordo com procedimentos que visam, dentre outras ações, excluir ou interditar temas que não devem (por diferentes motivos) entrar na "ordem do discurso" vigente. O fato, portanto, de ter sido publicado um número tão pequeno de reportagens no universo das revistas selecionadas (dez revistas com uma média de cem páginas cada uma) é um indício do quanto à temática da AIDS/HIV ainda é um tabu, particularmente para o público masculino.

Sexo sim, AIDS não!

Ao contrário das revistas destinadas ao público masculino, as revistas selecionadas "para meninas" nesta pesquisa (a *Atrevida* e a *Capricho*) possuem seções fixas para discutir e analisar temáticas relacionadas à sexualidade (*Tudo sobre sexo* e *Sexo*, respectivamente). Na seção *Sexo* da revista *Capricho*, os temas discutidos são variados (virgindade, masturbação, sexo antes/depois do casamento, pedidos estranhos na hora da transa, como falar de sexo com um garoto, entre outros), mas o que mais chama a atenção é o formato da reportagem (nada usual): os temas são apresentados a partir da discussão da repórter ou da

editora com outras participantes (meninas com idade entre 15 e 19 anos, identificadas apenas pelo primeiro nome ou apelido). A sensação que temos (embora isto não esteja escrito em lugar algum) é que esta discussão aconteceu online, a partir do “lançamento” do tema através de alguma ferramenta de comunicação instantânea, via internet, e que o resultado desta “conversa” foi publicado, a partir da intervenção (cortes e edições) da jornalista responsável que assina a matéria. Para cada temática discutida, é apresentada também uma enquete sobre o tema, realizada através do site da revista. Além disto, esta seção possui um quadro com informações, dadas por especialistas consultados (médicos, sexólogos, psicólogos, terapeutas sexuais e assim por diante), a respeito do tema discutido naquela edição. Cabe ressaltar também que em todas as edições consultadas para esta pesquisa, esta seção possui um discreto aviso: “Esta seção pode contar material inadequado para menores de 14 anos” (como se fosse possível evitar os efeitos de sua leitura a partir, única e exclusivamente, desta advertência).

Em nenhuma das “reportagens” publicadas nesta seção aparece a temática AIDS ou HIV. Em apenas uma delas, que discute o uso da camisinha – “Ele não quer usar camisinha! Vale a pena transar sem proteção? (PINHEIRO, 2009, p.90) –, é afirmado que o preservativo é importante para se proteger das ISTs (ou das DSTs: doenças sexualmente transmissíveis). No entanto, o mais enfático argumento a favor do uso do preservativo (masculino ou feminino) está relacionado à prevenção da gravidez. Isto demonstra, tal como alerta Miranda-Ribeiro e Moore (2002), que “(...) enquanto o preservativo é apresentado como o contraceptivo mais eficaz, não se discute o fato de que ele não protege contra as DSTs transmitidas por outras formas que não as secreções. Assim sendo, o leitor é levado a crer, erroneamente, que está 100% protegido [apenas pelo uso da] camisinha” (p.271).

Além da seção *Sexo*, na revista *Capricho*, nas dez edições selecionadas para análise, apenas em uma delas temos uma reportagem sobre sexo. Localizada na seção *Comportamento*, se intitula “Sexo: antes, durante, depois” (HRUBY, 2009). Também organizada em forma de perguntas e respostas, a reportagem, “para ajudar”, responde “às dúvidas mais cabeludas (apontadas por você, na nossa enquete, e pelas meninas da nossa Galera) que costumam aparecer antes, durante e depois da transa” (p.82). Dentre as dezessete perguntas sobre os mais diferentes temas (masturbação, dor, tabelinha, menstruação, sexo oral, orgasmo, etc), duas trazem orientações sobre a importância do uso do preservativo para prevenir as DSTs:

Dá para saber se ele tem algum tipo de doença sexualmente transmissível (DST)? Só de olhar para a cara do menino, não. Mas, se quando vocês tiverem [sic] nus, você pode observar verrugas ou feridas no pênis dele, pode ser HPV [abreviação de *Humam Papilloma Virus*] ou outra doença. Independentemente disso, o uso da camisinha nunca deve ser descartado. Só ela garante a proteção contra esses (e outros) tipos de problema. (p.83, grifos no original)

Ele pediu sexo oral... E agora? Se você estiver a fim, lembre-se de se proteger, pois sexo oral também transmite DSTs. Como fazer isso? Colocando a camisinha nele! (...). (p.84, grifos no original)

Nessa reportagem também é informado à leitora, em um quadro em destaque, o quanto as camisinhas (masculina e feminina) são "indispensáveis" para ajudar a evitar a gravidez e proteger das DSTs:

Camisinha masculina: é o método anticoncepcional mais recomendado pelos médicos, pois, além de ajudar a evitar a gravidez, ela protege você das DSTs. (...) Camisinha feminina: (...) você a coloca perto do colo do útero para impedir o contato dos espermatozoides com o canal vaginal. Como a camisinha masculina, se for usada corretamente, previne a gravidez e as DSTs. (...). (p.83, grifos no original)

Tanto nas reportagens publicadas na seção *Sexo*, antes descritas, quanto na reportagem acima, aparece a indicação do uso do preservativo como sendo uma alternativa eficaz para a prevenção das DSTs. No entanto, tal como assinalado anteriormente, esta informação deixa a desejar, pois não informa que as camisinhas (masculina e/ou feminina) não previnem contra todas as infecções (MIRANDA-RIBEIRO e MOORE, 2002).

A revista *Atrevida* também apresenta uma seção exclusiva e fixa (aparece em todas as edições pesquisadas) para tratar de questões relacionadas à sexualidade: *Tudo sobre sexo*.

Também no formato de perguntas e respostas (em geral, três perguntas por edição), esta seção apresenta questões sobre virgindade, menstruação, uso do preservativo, pílula, HPV, dentre outros, que são respondidas por uma especialista convidada (no caso das edições em análise, todas tiveram a participação/colaboração/consultoria da mesma pessoa: uma médica ginecologista). Também nesta seção, aparece, em todas as cinco edições pesquisadas, uma enquete realizada por celular (com pagamento) ou por email, junto às leitoras, sobre algum tema de interesse relacionado a sexo, tal como: "você deixaria seu namorado fotografar ou filmar um momento íntimo de vocês?" (AMBROGINI, out. 2009, p.18) ou "você já fez sexo oral?" (AMBROGINI, set. 2009, p.18).

Nessa seção, nenhuma pergunta enviada pelas leitoras se refere à AIDS ou ao HIV de forma direta e apenas em duas questões é feita menção, nas respostas dadas pela consultora, à prevenção das DSTs. Em uma delas, a leitora pergunta sobre a necessidade do uso do preservativo quando se faz sexo oral, ao que a consultora responde afirmativamente: "Sim, pois você pode contrair doenças sexualmente transmissíveis ao praticar ou receber sexo oral, principalmente o vírus HPV, que é muito fácil de ser transmitido pelo contato" (AMBROGINI, ago. 2009, p.12). Nota-se que o título dado para esta pergunta é: "Cuidado com o HPV!", sem referir o HIV, a AIDS ou a outras ISTs existentes, transmissíveis durante a prática do sexo oral.

Em outra edição, uma das perguntas é intitulada: "Furada!" (AMBROGINI, out. 2009, p.18) e a leitora pergunta sobre o que acontece quando a camisinha se rompe e como saber se ela rompeu. A consultora responde detalhadamente sobre como saber se ela rompeu ou não durante o ato sexual e, quase ao final, orienta:

(...) Lembre-se: se a camisinha furar informe-se, o mais rápido possível, sobre o uso da pílula de emergência, para que não ocorra uma gravidez indesejada. Fique atenta, também, com as DSTs. (p.18)

Também neste caso é evidente que a preocupação maior é com a prevenção à gravidez, sem maiores referências às ISTs.

Em outras duas reportagens, no corpo da revista (nas edições n.179 e 182), temas próximos à temática principal desta investigação aparecem. Em uma, sobre a consulta à ginecologista (TREVISAN, 2009), é apresentado um quadro com "perguntas que você pode (e deve!) fazer" à ginecologista, quando for consultar (p.95). Dentre as perguntas sugeridas, algumas estão correlacionadas direta ou indiretamente à prevenção das ISTs (embora em nenhuma seja mencionada a AIDS ou o HIV):

A camisinha é segura? Já vi muitas histórias de meninas que engravidaram usando preservativos. Por que isso acontece? Como evitar? (...) O sexo oral e o anal também oferecem riscos? (...) Queria saber mais sobre as doenças sexualmente transmissíveis. Como preveni-las? (TREVISAN, 2009, p.95)

A outra reportagem sobre sexo é um teste: "O que você sabe sobre sexo?" (IACONELLI, 2009, p.76). Dentre as dez perguntas propostas, apenas uma se refere à prevenção das ISTs: "é possível pegar alguma doença por meio do sexo oral?". E a resposta considerada correta afirma que "sim, se o menino ou menina tiver alguma DST, e o parceiro colocar o órgão genital em contato com a saliva, existe grande possibilidade de transmissão da doença".

Para continuar

Os meios de comunicação, ávidos em construir fatias de mercado junto a diferentes públicos, reservam grandes espaços para os jovens, produzindo textos e artefatos que pretendem tê-los como destinatários ou que sejam de seu interesse. Além disto, graças a seu comportamento grupal, os jovens constituem um imenso mercado consumidor, pois suas decisões individuais geralmente possuem um efeito multiplicador. Porém, entre a intensa produtividade da mídia, que constrói realidades sociais, selecionando e recortando os discursos mais convenientes ou mais prósperos economicamente, e aquilo que poderia ser útil ou necessário à produção de outras verdades, existe um abismo.

Quando iniciamos essa pesquisa, imaginávamos que temáticas relacionadas à promoção e prevenção da saúde povoassem as páginas das revistas consultadas. Mais ainda: considerando-se a emergência e a urgência da discussão sobre a prevenção da AIDS e do HIV junto à população juvenil, tínhamos como premissa que este seria um tema recorrente nas páginas consultadas.

No entanto, a partir dos resultados obtidos, é possível afirmar, sem rodeios, que a AIDS/HIV é um tema interdito para *Capricho*, *Atrevida*, *Superinteressante* e *Mundo Estranho*. Ao não escreverem sobre, editores, repórteres e leitores dessas revistas indicam qual a ordem discursiva vigente em relação a esta temática. Diante disso, resta-nos questionar: até quando esta estratégia de governamento (que cala, ignora, exclui) subsistirá às investidas de jovens que, cada vez mais cedo, iniciam sua vida sexual sem informações nem discussões a respeito de alguns dos "males" que os circundam?

Referências

- AMBROGINI, Carolina. (2009) Tudo sobre sexo. *Atrevida*, São Paulo, n.179, p.16, jul.
- AMBROGINI, Carolina. (2009) Tudo sobre sexo. *Atrevida*, São Paulo, n.180, p.12, ago.
- AMBROGINI, Carolina. (2009) Tudo sobre sexo. *Atrevida*, São Paulo, n.181, p.18, set.
- AMBROGINI, Carolina. (2009) Tudo sobre sexo. *Atrevida*, São Paulo, n.182, p.18, out.
- AMBROGINI, Carolina. (2009) Tudo sobre sexo. *Atrevida*, São Paulo, n.183, p.16, nov.
- BRASIL. (2009a) Ministério da Saúde. *Pesquisa de Conhecimentos, Atitudes e Práticas da População Brasileira de 15 a 64 anos de idade*. Disponível em: <www.saude.gov.br>. Vários acessos.
- BRASIL. (2009b) *Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais*. Disponível em: <www.aids.gov.br>. Vários acessos.
- BUITONI, Dulcília H. S. (1981) *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*. São Paulo: Loyola.

COSTA, Marisa V.; SILVEIRA, Rosa H.; SOMMER, Luis H. (2003) Estudos culturais, educação e pedagogia. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n.23, p.36-61, maio/ago.

FISCHER, Rosa Maria B. (2005) Mídia e juventude: experiências do público e do privado na cultura. *Cadernos Cedes*, Campinas, v. 25, n.65, p.43-58, jan./abr.

FOUCAULT, Michel.(1989) *Microfísica do Poder*. Trad. e Org. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal.

FOUCAULT, Michel. (1995) O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p.231-249.

FOUCAULT, Michel. (1996) *A Ordem do Discurso*: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 3. ed. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola.

FOUCAULT, Michel. (1999) *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. 13. ed. Trad. Maria Thereza Albuquerque e J.A. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal.

FOUCAULT, Michel. (2000) *Em defesa da Sociedade*: Curso no Collège de France (1975-1976). Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes.

HRUBY, Luciana. (2009) Sexo: antes, durante, depois. *Capricho*, São Paulo, n.1079, p.82-85, 13 set.

IACONEELI, Bianca. (2009) O que você sabe sobre sexo? *Atrevida*, São Paulo, n.179, jul., p.76.

LOIOLA, Rita. (2009) Como funciona a pílula masculina? *Mundo Estranho*, São Paulo, n.89, p.38, jul.

MACHADO, Roberto. (1989) Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Trad. e Org. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, p.VII-XXIII.

MÍDIA KIT. (2009) Editora Escala. Disponível em: <<http://www.escala.com.br/midiakit/detalhe.asp?revista=4>>. Acesso em: 25 set.

MIRANDA-RIBEIRO, Paula e MOORE, Ann. (2002) Já nas bancas: a saúde reprodutiva das adolescentes vista através das revistas Querida e Capricho. *Revista Brasileira de Estudos de População*, Rio de Janeiro, v.19, n.2, p. 263-276, jul./dez.

MOTOMURA, Marina. (2009) Como será o sexo no futuro? *Mundo Estranho*, São Paulo, n.89, p.58-59, jul.

PINHEIRO, Karolina. (2009) Ele não quer usar camisinha! *Capricho*, São Paulo, n.1084, p.90, 22 nov.

PUBLIABRIL. (2009) Disponível em: <<http://publicidade.abril.com.br/>>. Acesso em: 25 set.

RANGEL, Maria Ligia. (2003) Epidemia e mídia: sentidos construídos em narrativas jornalísticas. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v.12, n.2, p.5-17, jul./dez.

ROSE, Nikolas. (1998) Governando a alma: a formação do eu privado. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Liberdades reguladas: a pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu*. Petrópolis: Vozes, p.30-45.

TOSCANI, Ricardo. (2009) Fábrica produz camisinha sob medida. *Superinteressante*, São Paulo, n.271, p.25, nov.

TREVISAN, Rita. (2009) Cá entre nós. *Atrevida*, São Paulo, n.179, p.92-95, jul.

VERSIGNASSI, Alexandre e AXT, Barbara. (2009) Donos do mundo. *Superinteressante*, São Paulo, n.286, p.52-59, ago.

XAVIER FILHA, Constantina. (2007) "Qual destas moças é você?" O autoconhecimento produzido pelos testes da imprensa feminina. *Educação em Revista*, Belo Horizonte. n.46. p.337-362, dez.